

SINODALIDADE MISSIONÁRIA

Um olhar através dos documentos do Sínodo dos Jovens e do Sínodo da Amazônia

Marta Barral Nieto
marta_barral@yahoo.com

RESUMO: A sinodalidade missionária marca um modo profético de ser e estar como Igreja no mundo. Os documentos dos dois últimos sínodos podem ser uma guia para compreender e colocar o conceito em prática. Enquanto o Sínodo dos Jovens esboça algumas atitudes básicas de uma Igreja inclusiva (escuta fraterna, diálogo, corresponsabilidade ...), o Sínodo da Amazônia enfatiza a necessidade de comunidades sinodais inculturadas que incluam estruturas sinodais, pratiquem a comunhão, promovam a participação efetiva do laicato e o papel das mulheres, de modo que nos permitam caminhar juntos para responder ao clamor da terra e dos pobres. Também a encíclica social Fratelli Tutti nos indica como deve ser a relação entre a Igreja e o mundo ela deve estar a serviço do bem comum.

ABSTRACT: The missionary synodality marks a prophetic way of being and staying as a Church in the world. The documents from the last two synods can be a guide to understanding and putting the concept into practice. While the Youth Synod outlines some basic attitudes of an inclusive Church (fraternal listening, dialogue, co-responsibility ...), the Amazon Synod emphasizes the need for inculturated synodal communities that include synodal structures, practice communion, promote the effective participation of the laity and the role of women, so that we can walk together to respond to the cry of the earth and the poor. The social encyclical Fratelli Tutti also shows us how the relationship between the Church and the world must be at the service of the common good.

Para entender a visão da Igreja do Papa Francisco e a renovação que ele está tentando promover durante o exercício de seu magistério, é necessário deter-se no conceito da sinodalidade.

Para ajudar à compreensão de sua dimensão, a Comissão Teológica Internacional publicou em 2018, um estudo sobre a

sinodalidade na vida e missão da Igreja (CTI, 2018), no qual lembra que a palavra *sínodo* tem sido uma tradição muito antiga, mas ao longo da história tem um tanto borrado, relegado e com um significado impreciso. Desde o início de seu papado, Francisco revalorizou o termo, ampliando o conceito (*sinodalidade, sinodal*) e estabelecendo-o como um elemento fundamental na vida da Igreja, tanto pela experiência que temos da Igreja, quanto pela sua organização e articulação.

A palavra ‘sínodo’, etimologicamente vem do grego, e significa ‘caminhar juntos’, fazer um caminho juntos, o que explicita a construção conjunta dos caminhos que, como Igreja do terceiro milênio, somos chamados a percorrer. Todos nós já lemos os versos de Antônio Machado *Caminhante, não há caminho, o caminho se faz caminhando*, ou ouvimos sua versão musical cantada por Joan Manuel Serrat, e como missionários o vivenciamos pessoalmente. A sinodalidade proposta por Francisco nos indica o rumo e a tarefa, mas ao percorrer devemos construir o caminho conjuntamente.

A sinodalidade é um chamado à conversão que busca produzir uma comunhão missionária da Igreja a serviço do mundo; exige um planejamento e uma realização compartilhados, com a participação de todos os membros, que juntos e juntas se abrem à ação do Espírito e seu impulso para seguir realizando a missão de estender o Reino. Por isso, é necessário implementar canais e processos de discernimento comunitário, que permitam dar passos unidos, aportando cada qual desde a sua sensibilidade, experiência e capacidades de ação evangelizadora.

Nesta busca, neste discernimento, o Papa nos lembra que *o próprio rebanho tem seu olfato para encontrar novos caminhos*, o tema da sinodalidade corresponde a toda a Igreja, a todos e todas na Igreja; é o sacramento do batismo (complementado pelo da crisma) o que fundamenta a pertença à Igreja e não o sacramento da ordem sacerdotal. O batismo é a base para confirmar a igualdade, horizontalidade e pertencimento de todo crente ao povo de Deus (GARCÍA MAESTRO, 2021).

A sinodalidade está enraizada em uma eclesiologia do Povo de Deus, enfatizando a igual dignidade de todos os batizados e batizadas, todos habitados pelo Espírito, todos chamados e todos discípulos e discípulas missionárias. Esta centralidade do povo de Deus, *povo santo fiel de Deus* (como Francisco gosta de dizer), deve imprimir caráter à Igreja, se expressar e viver no seu funcionamento cotidiano e, ao mesmo tempo, na sua articulação, organização e estrutura, sabendo que o principal objetivo destes processos não é essa organização eclesial, mas o sonho missionário de chegar a todos (EG 31). A sinodalidade, esse *fazer caminho juntos*, tem que animar a vida e a missão evangelizadora da Igreja.

Redescobrimo a prioridade da missão, desdobrando esta sinodalidade missionária, a Igreja tem que discernir novas formas de exercer o serviço da autoridade e do ministério.

SINODALIDADE MISSIONÁRIA

O documento final do *Sínodo dos Jovens* defina a sinodalidade para a missão, a sinodalidade missionária, como *a aposta em ação de uma igreja sinodal é o pressuposto indispensável para um novo impulso missionário que envolve a todo o Povo de Deus* (DFSJ, 118), e dedica o capítulo I da III parta para explicar o conceito.

A sinodalidade missionária marca uma abordagem sistêmica da realidade pastoral. Somos chamados a assumir uma forma alternativa e profética de habitar o mundo e de ser Igreja. E isso não pode ser improvisado, trata-se de realizar uma verdadeira conversão (pessoal e comunitária) que exige uma mudança de mentalidade e práxis que nos ajude a trabalhar verdadeiramente em equipe, a praticar o discernimento comunitário, a escuta fraterna, o diálogo inter-geracional, intercultural e interreligioso, favorecendo a participação de todos, e a co-responsabilidade... formando uma igreja dinâmica e em movimento, que acompanha a caminhada, fortalecida pelos carismas e ministérios de todos, promovendo iniciativas de solidariedade, integradoras, de

promoção da justiça buscando como responder tanto ao clamor da terra como ao dos pobres, porque é assim que Deus se faz presente neste mundo (DFSJ, 122-127).

Estes pontos, que no Sínodo estavam direcionados, especialmente para a inclusão dos jovens na vida da Igreja como sujeitos, nos pode ajudar a refletir sobre nosso modo de ser e realizar o trabalho evangelizador. São um claro chamado para valorizar os carismas que o Espírito dá a todos e todas; para evitar o clericalismo que exclui a muitos e muitas dos processos de tomada de decisões; para dar ao laicato maior relevância na tarefa missionária e pastoral, reconhecendo sua maturidade e sua capacidade de discernimento no meio do mundo, sem tentar clericalizá-los (fazendo-o um substituto do sacerdote aí onde ele não chega ou não quer estar); para viver a autoridade na perspectiva do serviço; para praticar um diálogo orientando ao conhecimento mútuo e a ruptura de prejuízos e estereótipos ...

Junto com esta sinodalidade mais informal que resulta da escuta respeitosa, do estilo fraterno e da corresponsabilidade na missão indicada no DFSJ; ao mesmo tempo, é necessária uma prática mais formal que permeie os órgãos e organismos eclesiais, oriente os processos de consulta e tomada de decisão.

Com esta perspectiva, a sinodalidade missionária mais constitutiva é recolhida no documento final do Sínodo da Amazônia, cujo capítulo V desenvolve como a Igreja dessa região compreende e concretiza seu caminho sinodal. Coincidindo com o que foi sinalizado no Sínodo anterior, enfatiza a necessidade de fortalecer uma cultura de diálogo, escuta mútua, discernimento espiritual, consenso e comunhão para encontrar espaços e caminhos de decisão conjunta e para responder aos desafios pastorais (DFSJ, 88).

Isso sem esquecer a necessidade de inculturar o Evangelho e a vida da Igreja em cada lugar, seguindo a lógica da encarnação: Deus, em Cristo, está ligado aos seres humanos que vivem nas “culturas próprias dos povos” (AG 9) e a Igreja, Povo de Deus inserida entre os povos, tem a beleza de um rosto pluriforme porque está enraizada em muitas culturas diversas (EG 116). (DFSJ, 91).

A importância da inculturação é fundamental, e para isso é imprescindível descolonizar nossas mentalidades, algo que não é tão simples; ainda hoje há resistências em nossas sociedades e na Igreja, elementos e formas de expressão que refletem sentimentos de superioridade, desprezo, dominação, paternalismo, racismo, machismo... ainda com respeito a todo tipo de diferenças sociais, culturais, religiosas, raciais, étnicas, sexuais e de gênero, entre outras (TOMICHÁ, 2019). Para que a Igreja de uma região tenha um rosto próprio que reflita a realidade em que está encarnada, deve de se colocar em prática uma eclesiologia inclusiva, onde as igrejas locais tenham a oportunidade de ler os sinais dos tempos em seu território e discernir, no clamor dos povos aí presentes, a voz do Espírito que desafia e manifesta a vontade de Deus.

[a igreja local] deve necessariamente estar aberta ao encontro e ao diálogo com as tradições culturais e religiosas do continente, tanto ancestrais (especialmente indígenas e afrodescendentes) quanto emergentes (juvenis, digitais, feministas, ecológicas, cibernéticas, entre outras). (TOMICHÁ, 2019).

O documento final do Sínodo resume assim: Uma Igreja com rosto amazônico precisa que suas comunidades estejam impregnadas de um espírito sinodal, sustentadas por estruturas organizativas de acordo com esta dinâmica, como autênticos organismos de “comunhão”. As formas de exercício da sinodalidade são variadas, deverão ser descentralizadas em seus vários níveis (diocesano, regional, nacional, universal), respeitosas e atentas aos processos locais, sem enfraquecer o vínculo com as demais Igrejas irmãs e com a Igreja universal. As formas organizativas para o exercício da sinodalidade podem ser variadas, estabelecem uma sincronia entre comunhão e participação, entre corresponsabilidade e ministerialidade de todos, prestando especial atenção à participação efetiva dos leigos no discernimento e na tomada de decisões, potenciando a participação das mulheres (DFSA, 92).

Destes textos podemos extrair alguns elementos chaves de que as comunidades precisam para avançar na sinodalidade missionária:

Estruturas verdadeiramente sinodais

Falar de *estruturas organizativas segundo a dinâmica sinodal* significa modificar as atuais instituições eclesiais para que estejam em sintonia e em comunhão com os tempos e os caminhos da Igreja; é preciso superar o medo, o desejo de segurança, a tranquilidade da uniformidade... definitivamente, sair do conformismo que oferecem alguns organismos já consolidadas, analisar e renovar nossas estruturas organizativas para que nelas a comunhão seja prioridade, favoreçam o diálogo, a inclusão e o consenso... Trata-se de realizar transformações reais. Sempre haverá resistências, mas a abertura à participação e ao diálogo pode oferecer critérios de discernimento, acompanhamento e integração dos elementos estáveis e carismáticos nas instituições (a ação do Espírito, também se tem que manifestar nas estruturas).

Um exemplo de estrutura sinodal na Amazônia, pode ser encontrado na REPAM, a Rede Eclesial Panamazônica, que a partir de 2014, atua como plataforma de intercâmbio, enriquecimento mútuo e confluência de esforços das igrejas locais, congregações religiosas, instituições eclesiais e leigas e organizações afins, com voz profética e a serviço da vida, da criação, dos pobres e do bem comum; Seu objetivo é fortalecer, de forma articulada, a ação eclesial no território panamazônico, atualizando e concretizando a doutrina e as orientações da Igreja. Como Rede que é, não funciona igual em todas as partes e depende do envolvimento dos agentes de cada área para que sua caminhada possa ser verdadeiramente definida como sinodal.

Mas é um grande passo adiante e é muito notável seu trabalho de articulação no processo de consulta do Sínodo da Amazônia, que foi construído a partir da busca por rios e caminhos da opinião das comunidades indígenas e camponesas, dos habitantes das periferias, de mulheres e jovens, de sacerdotes, religiosos e religiosas, leigas e leigos missionários presentes em todo o território amazônico; Foram organizados 266 eventos nos quais participaram 83.843 pessoas, foi um exercício histórico em que a Igreja se propôs a fazer um caminho junto, com aqueles que

buscam, vivem e experimentam a sabedoria em suas experiências espirituais, sejam indígenas, de outras crenças religiosas ou de convicções agnósticas e ateístas.

Outro exemplo de estrutura sinodal, eclesial e colegial é a CEAMA, Conferência Eclesial da Amazônia, criada em meados de 2020, que procura concretizar os compromissos da DFSA e da QA na tarefa de fortalecer e encontrar novos caminhos para a missão evangelizadora, com o rosto amazônico da Igreja, incorporando a proposta da ecologia integral neste território. É uma instituição nova e inovadora que tem o desafio de ouvir com confiança a voz do Espírito de Deus nas igrejas e nos povos, o discernimento comum da realidade e a avaliação evangélica dos desafios religiosos, sociais, culturais e econômicos, ecológicos e políticos (FERRO, 2021). A pandemia desacelerou sua ação e o tempo dirá se vai atingir seus objetivos e ajudar a Igreja amazônica a encontrar novos caminhos a partir da sinodalidade.

A comunhão

O Concílio Vaticano II quis superar a imagem de uma Igreja hierárquica e piramidal, afirmando que a Igreja está chamada a viver na pluralidade de funções, na corresponsabilidade de todos e todas, conservando a unidade entre todos seus membros. Como lembramos no início deste artigo, o centro da Igreja é o povo de Deus.

O povo de Deus, enquanto deve ser escutado, deve participar das decisões da Igreja, o que significa uma mudança na estrutura eclesial. O Papa nos disse que devemos inverter a pirâmide, porém, nos questiona muito sair do esquema vertical e muitas vezes autoritário. O centro não é o sacramento da Ordem, mas o sacramento do Batismo, ou seja, todos os homens e mulheres são batizados. Pelo Batismo recebemos o Espírito Santo e temos a sua iluminação e somos todos Povo de Deus. E aqui há um caminho de conversão e a Igreja amazônica pelo mesmo motivo pode dar uma contribuição significativa à Igreja latino-americana (FERRO, 2021).

O corpo da Igreja não é uma centralização da Igreja, em torno de um cume, mas uma comunhão dinâmica, concreta e

plural, uma *sincronia entre comunhão e participação* caracterizada pela presença simultânea da diversidade e da complementaridade das vocações e condições de vida, dos ministérios, dos carismas e das responsabilidades (CL 6). Num mundo marcado por tensões e conflitos de todo tipo, a sinodalidade é uma ferramenta que nos permite oferecer um eficaz testemunho de unidade na diversidade, igualdade na dignidade, apesar da diversidade de funções e diálogo, apesar da pluralidade de origens e horizontes.

É necessário combinar todas essas energias, sensibilidades, experiências e recursos disponíveis na evangelização, pois o foco da comunhão e da participação sinodal não se encontra em nós e em nossas ações particulares e expectativas, mas nos destinatários da missão. Esta reciprocidade e interdependência implica um novo estilo de liderança, mais colegiado, que também procura envolver homens e mulheres leigos no processo de tomada de decisão.

Ninguém deve ser ou ser considerado excluído da responsabilidade de contribuir para a missão. As comunidades cristãs têm o desafio da fraternidade inclusiva dos pobres. A integração social e comunitária daqueles com quem Cristo se identificou e que, cada vez mais, nossas sociedades deixam de lado (CASTRO PÉREZ, 2020). Todos e todas, sem exceção: mulheres, indígenas, afrodescendentes, grupos LGBTQ+, pobres, pessoas em situação de rua, migrantes... Nossa responsabilidade como Igreja é oferecer as oportunidades e os meios para que todas as pessoas nas situações concretas em que se encontram, possam perceber a presença de Deus nelas e deixar-se guiar pela luz do Evangelho de Jesus Cristo.

A participação efetiva do laicato

O caminho sinodal implica combinar a complementaridade de funções em favor da evangelização. Uma missão mais viva e em comunhão exige a participação de todas e todos nos processos. Embora seja verdade que, desde o Vaticano II, se tenha fomentado a contribuição do laicato na Igreja, as estruturas pouco mudaram; na realidade, o clero continua a ser a referência e o

protagonista absoluto que monopoliza as funções e as decisões, de tal forma que a atividade dos leigos e leigas depende da sua tolerância e abertura. Honestamente, deve-se reconhecer que a potencialidade do laicato e dos ministérios laicais se deve mais a escassez de ministros ordenados, do que a uma verdadeira renovação da Igreja (por muita literatura que exista sobre o tema).

Mesmo que deve se reivindicar o papel fundamental do laicato nas instituições da Igreja, também devem se articular processos que ajudem a viver sem complexos a corresponsabilidade real dos leigos e leigas e que conduzam à ação evangelizadora nos diferentes âmbitos da vida e da sociedade.

Existe uma grande preocupação em promover a colaboração dos leigos com o clero, mas esquecemos de promover a colaboração do clero com a missão dos leigos no mundo. Parece tratar-se da legitimação canônica dos leigos para que possam substituir os sacerdotes em algumas de suas funções, negligenciando sua verdadeira vocação (ser sal e luz no mundo):

Embora nas dependências paroquiais o leigo exerça uma tarefa importante, ali seu fermento não atua. Aliviará a carga do presbítero, mas apenas contribuirá para transformar o mundo. [...] A levedura age quando está na massa de farinha e água, não quando fica na despensa. O compromisso que deve assumir o leigo cristão deve se dar, prioritariamente, na vida ordinária. (MESQUIDA SAMPOL, 2020).

Sem dúvida, a agenda deve incluir os problemas e as necessidades dos leigos e leigas em sua tarefa de evangelização no mundo.

O Papa Francisco nos últimos anos nomeou a homens e mulheres leigas para cargos de responsabilidade na Igreja que tradicionalmente eram ocupados por padres. Tentou promover a corresponsabilidade dos batizados no governo eclesial. São passos significativos e importantes, mas é necessário continuar a refletir sobre os ministérios de que necessita hoje a Igreja, especialmente aqueles que desenvolvem as dimensões da evangelização, comunhão e caridade e não se limitar aos relacionados ao culto. Neste

sentido, a Igreja na Amazônia está tentando abrir espaços de diálogo para a criação do ministério da casa comum, entre outros, surgido no processo de consulta e escuta prévia à assembleia dos bispos em Roma.

O papel da mulher

O papel das mulheres na Igreja merece uma consideração a parte. A vida das paróquias e igrejas locais não se sustentaria sem a presença e generosas doações de multidões de mulheres. Se metade da população mundial é de mulheres, essa proporção aumenta consideravelmente quando se analisam os números dentro da Igreja (mesmo que não se encontrem estatísticas a esse respeito, ninguém contestará que as mulheres são mais presentes e mais ativas no mundo eclesial). No DFSA reconheceu e enfatizou o papel fundamental das mulheres religiosas e leigas na Igreja da Amazônia e suas comunidades, dados os múltiplos serviços que prestam (DFSAs, 103).

A situação das mulheres na Igreja vai contra todos os valores promulgados pela sinodalidade. É difícil explicar que o tempo todo se fale de comunhão, participação, corresponsabilidade... quando a elite masculina que se apropria do ministério sacramental é quem cria uma Igreja profundamente desigual e gera frustrações crescentes. A igualdade entre mulheres e homens é proclamada com afinidade por malabarismos conceituais, mas na realidade vivemos em uma Igreja profundamente desigual. Vivemos em uma Igreja contrária a uma vida em estado de justiça. Se a igualdade e a escuta é o que caracteriza uma Igreja sinodal e democrática, então a Igreja deve levar a sério, a não discriminação das mulheres na Igreja (GARCÍA MAESTRO, 2021).

O papel da mulher é a grande questão pendente na vida e missão da Igreja. Alguns passos foram dados a nível institucional, o Papa Francisco tem nomeado mulheres para cargos de responsabilidade na Igreja; também no sínodo da Amazônia participaram 35 mulheres [2 convidadas especiais, 4 especialistas (das quais 2 leigas e 2 religiosas) e 29 auditoras (das quais 18 freiras e 11 leigas)], mesmo que nenhuma teve direito a voto, foi o

maior número, que nunca tinha tido em uma reunião de bispos e a primeira vez que foram designadas mulheres consultoras para a secretaria geral de um sínodo; e para o Sínodo de 2023, 10 mulheres foram nomeadas para as três comissões preparatórias e sabe-se que uma mulher, a religiosa Nathalie Becquart, coordenadora da comissão de metodologia e subsecretária do sínodo, terá direito a voto.

Estes passos demonstram o compromisso do Papa em promover o papel da mulher, que começou a desvincular o exercício da autoridade da ordenação; este último avança muito mais lentamente devido à resistência que suscita: no início de 2021, Francisco instituiu com um *“motu proprio”* para os ministérios de leitorado e acolitado femininos, que respondia a um pedido de revisão do documento final do Sínodo da Amazônia; Este é um reconhecimento institucional porque o acesso das mulheres ao serviço da Palavra é uma prática estendida há muitos anos em muitas comunidades da Amazônia e do mundo. Ainda se esperam os resultados da Comissão de Estudo sobre o Diaconato da Mulher, criada em 2016. Esses passos são, claramente insuficientes se se aposta como Igreja com o caminho sinodal.

UMA PEQUENA MENÇÃO A FRATELLI TUTTI

A sinodalidade missionária, mesmo sem a menção específica do termo, também é reconhecida de maneira especial na encíclica social *Fratelli Tutti* (2020), onde o Papa defende a fraternidade universal e a amizade social, e desenvolve como deve ser a relação entre a Igreja e o mundo ao serviço do bem comum.

Para caminhar rumo à amizade social e à fraternidade universal, é necessário reconhecer o valor do ser humano, em qualquer circunstância, e seu direito de viver com dignidade e desenvolver-se integralmente. Diante das sombras e distorções de nosso mundo fechado e dividido, a encíclica lembra a capacidade de amor universal que transcende preconceitos, barreiras históricas ou culturais, interesses mesquinhos, convidando-nos a sair de

nós mesmos, abrindo-nos ao próximo e alcançando as periferias seguindo o dinamismo da caridade e da comunhão universal.

O Papa Francisco nos chama à solidariedade, a pensar e agir em termos de comunidade, lutando contra as causas estruturais da pobreza, desigualdade, falta de trabalho, terra e moradia, a negação dos direitos sociais e trabalhistas. Vivendo uma amizade social, somos chamados ao encontro, solidariedade e gratuidade que possibilitarão o desenvolvimento de uma comunidade mundial. Em uma sociedade pluralista, o diálogo é o caminho mais adequado para reconhecer o que deve ser sempre afirmado e respeitado, e que está além do consenso circunstancial. O diálogo entre as religiões possibilita estabelecer amizade, paz, harmonia e compartilhar valores e experiências morais e espirituais em espírito de verdade e amor.

Nossa Igreja é chamada a se encarnar em todos os cantos da terra, porque onde quer que os povos se encontrem para estabelecer os direitos e deveres do homem, nos sentimos honrados quando nos permitem sentarmos junto com eles.

CONCLUSÃO

A sinodalidade é um estilo missionário, uma forma de viver a Igreja e sua missão evangelizadora cuja práxis está marcada pela escuta objetiva, atenta e ativa e pelo discernimento constante que supõe a oração e o cuidado da vida em todas as suas expressões, contemplação e ação em favor dos excluídos, celebração e luta por justiça. Se cultivarmos esta experiência renovada de Deus, ela nos levará a uma conversão pessoal e comunitária.

Ainda não se tem as condições ideais para desenvolver uma sinodalidade missionária na Igreja (*já é, mas ainda não*), mas algumas igrejas regionais (a Igreja latino-americana e caribenha) e particulares (a igreja na Panamazônia), animadas por Francisco, começaram a se reunir em assembleias, a experimentar juntos o Espírito Santo, que sempre sopra de maneira surpreendente, sugerindo percursos e linguagens novos e *fazer um caminho juntos*.

Se estamos no início do caminhar, tanto os ritmos quanto os obstáculos são diversos e complexos, porém podem aparecer algumas mudanças, algumas luzes que nos encorajam a seguir tentando conseguir consensos, a ter esperança nos ventos de renovação que chegam de Roma, a confiar no povo de Deus convocado no Sínodo para aprofundar a comunhão, a participação e a missão do nosso *fazer caminho juntos* como Igreja.

Como povo de Deus, não devemos deixar passar esta oportunidade, é necessária essa profunda conversão (pessoal e comunitária), a renovação das nossas práticas e estruturas eclesiais para poder viver plenamente no meio da realidade diversa que nem sempre podemos entender e que, em muitas ocasiões, nos supera. No nosso *fazer caminho juntos*, também vamos ao encontro de outras pessoas e povos presentes nos territórios que esperam que nos unamos nessa fraternidade universal que procura o bem comum de toda a sociedade e o cuidado da casa comum.

PARA REFLETIR

- Que aspectos e elementos da sinodalidade missionária já estão presentes em nossa práxis missionária e comunitária?
- Como transformar as estruturas eclesiais em nosso nível para que respondam aos critérios da sinodalidade missionária?
- Como a sinodalidade missionária nos desafia como congregação?
- O que pode oferecer o carisma xaveriano à Igreja amazônica, latino-americana e universal em seu caminho sinodal?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO PÉREZ, Francisco A. El reto del laicado en el marco de una eclesiología total: misión, comunión, formación. *ISIDORIANUM* 29/1 (2020), pp. 87-130.

COMISIÓN TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *La sinodalidad en la vida y en la misión de la Iglesia*. (marzo 2018). Disponível em:

<https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalidad_sp.html>. Acceso: 30/12/2021.

FERRO, Alfredo. Contribución al proceso de escucha y de preparación a la Asamblea Eclesial de América Latina. Agosto de 2021, cedido por el autor en febrero de 2022.

FRANCISCO. Exhortación apostólica postsinodal *Querida Amazonía* (02.02.2020) [QA].

_____. *Fratelli Tutti* sobre la fraternidad y la amistad social (03.10.2020) [FT].

GARCÍA MAESTRO, Juan Pedro. Los laicos en una iglesia sinodal. *Sinite* 187 (2021), pp. 111-133.

MESQUIDA SAMPOL, Joan. Hacia el nudo de la tormenta humana. *Razón y fe* 2020, t. 282, n° 1447, pp. 179-189.

SECRETARÍA GENERAL DEL SÍNODO DE LOS OBISPOS. Documento final de la XV Asamblea General Ordinaria del Sínodo de los Obispos (27 octubre 2018) [DFSJ]

_____. Documento final de la Asamblea Especial para la Región Panamazónica del Sínodo de los Obispos (6-27 octubre 2019) [DFSJ]

TOMICHA CHARUPÁ, Roberto. *Espiritualidades descoloniales en perspectiva indígena: algunos presupuestos y desafíos*. 2019. Disponible em. < <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/25940/23870>>. Acceso: 6/03/2020.